



Eleições Presidenciais: O Silêncio de Dilma¹

Arthur Hipácio Miná de ARAÚJO²

Cynthia Emanuella da Silva NASCIMENTO³

Émelly Betânia Varela CARDOSO⁴

Samantha Pollyana Messiades PIMENTEL⁵

Paulo Matias de Figueiredo JÚNIOR⁶

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

RESUMO

Podem ser constatadas a presença das teorias da *Espiral do Silêncio* e da *Teoria da Cultivação*, durante as últimas eleições presidenciais no Brasil. A partir da ótica de abordagem da revista *Veja*, buscamos verificar como a atuação destas teorias se deu na prática, alterando as declarações da então candidata a Presidente da República, Dilma Rousseff, com relação ao aborto. Objetivamos perceber como a mídia tem o poder de construir e/ou fortalecer a *Opinião Pública* acerca de um determinado tema, e como esta Opinião consolida-se e acaba por moldar formas de conduta sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Dilma Rousseff; Espiral do Silêncio; Teoria da Cultivação; Opinião Pública; Aborto.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o episódio ocorrido na última eleição presidencial, onde a candidata Dilma Rousseff alterou sua declaração a respeito do aborto, em decorrência da perda de popularidade em período eleitoral. Analisaremos este fato sob a ótica das Teorias da Comunicação criadas por Elisabeth Noelle-Neumann e George Gerbner: a *Espiral do Silêncio* e a *Teoria da Cultivação*.

¹ Trabalho apresentado no IJ 08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Estudante de graduação do curso de Arte e Mídia da UFCG, e-mail: arthur.minah@gmail.com

³ Estudante de graduação do curso de Arte e Mídia da UFCG, e-mail: cynthia_emanuella@hotmail.com

⁴ Estudante de graduação do curso de Arte e Mídia da UFCG, e-mail: milibvc@gmail.com

⁵ Estudante de graduação do curso de Comunicação Social da UEPB e do curso de Arte e Mídia da UFCG, e-mail: samanthapimentel@hotmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do curso de Arte e Mídia da UFCG, email: paulomfjr@gmail.com



Buscamos perceber como os meios de comunicação tem o poder de influenciar o debate da sociedade sobre um determinado tema, em foco na agenda da mídia, favorecendo e/ou consolidando uma forma de pensar e agir sobre este tema, retraindo atitudes e pensamentos contrários, objetivo atendido pelas idéias propostas nas teorias acima citadas.

Como forma de ilustrar esta influência, escolhemos o exemplo da revista *Veja*, que abordou o fato ocorrido nas últimas eleições presidenciais no Brasil dando-lhe destaque na matéria de capa da edição 2186, e utilizando-se do ocorrido para favorecer o seu partidarismo editorial, contrário a candidatura de Dilma.

O artigo encontra-se subdividido em três partes. A primeira apresenta um pequeno histórico da trajetória política de Dilma Rousseff, a segunda busca situar o leitor acerca das Teorias da Comunicação trabalhadas neste artigo, e a última delas relaciona estas teorias com o fato retratado a partir da ótica da revista *Veja*.

Dilma Vana Rousseff: a “mãe do PAC”

A atual presidente do Brasil, Dilma Vana Rousseff nasceu no ano de 1947 na cidade de Belo Horizonte (MG). Seu pai, Pedro Rousseff, era búlgaro naturalizado brasileiro, militante do Partido Comunista na Bulgária no Início do século XX, no ano de 1930 veio ao Brasil e conheceu Dilma Jana Coimbra Silva, professora do interior de Minas Gerais. Aos 16 anos, Dilma se envolve com o movimento estudantil, fato que daria início a sua carreira política; principia como simpatizante na Organização Revolucionária Marxista – Política Operária, conhecida como POLOP. Em 31 de março de 1964 o golpe de Estado inicia um regime ditatorial no Brasil. Esse golpe censurou, reprimiu e retirou a liberdade de seus opositores. Muitos brasileiros foram presos, torturados e assassinados por participarem ou por serem suspeitos de algum envolvimento contra a ditadura.

É nesse cenário que Dilma Rousseff se estabelece como ativista política em meados da década de 60, filia-se ao *POLOP*, criado em 1961, pelo Partido Comunista Brasileiro, que por divergências ideológicas se segmenta em dois grupos. Um deles origina o *COLINA (Comando de Libertação Nacional)*, movimento que Dilma fez parte. O movimento estudantil entra em confronto com o regime militar a partir da formação de guerrilhas, buscando lutar em defesa da revolução socialista no Brasil. No entanto a guerrilha fracassa devido a pouca quantidade



de militantes. “Participaram da luta armada de 5 a 6 mil homens, um contingente insignificante em relação à população brasileira, estimada em 100 milhões de habitantes em 1970” (CHIAVENATO, 1997, p. 117).

Após a queda das guerrilhas Dilma foi presa e torturada para fornecer informações sobre os seus companheiros. Saiu do presídio Tiradentes em 1972, e após o fim da ditadura militar no país, continuou sua carreira política no Rio Grande do Sul, optando por filiar-se ao PT por volta dos anos 80.

No ano de 2002, Dilma participa da formulação do plano de governo na campanha presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, candidato filiado ao PT. Em 2 de novembro do mesmo ano ela deixa o cargo de secretária de Minas, Energia e Comunicações que exercia no Rio Grande do Sul, e em 20 de dezembro Lula anuncia a sua indicação para o cargo de ministra de Minas e Energia do Brasil, cargo que assume em janeiro de 2003. Após a “crise do mensalão” José Dirceu deixa a Casa Civil e Dilma é nomeada para o cargo, tomando posse em 21 de junho.

Com a reeleição de Lula, em 2007, é lançado o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), uma reunião de obras de infra-estrutura e medidas econômicas. A Casa Civil coordena as ações e Dilma é intitulada a “mãe do PAC”. O presidente Lula começa a sugerir a seus aliados que ela pode ser sua sucessora, e o Datafolha apresenta pesquisa presidencial onde Dilma figura em segundo lugar, com 23% das intenções de voto. Em 2010, Dilma é nomeada oficialmente pré-candidata a Presidência da República.

Sua campanha presidencial foi marcada pela discussão sobre a posição da candidata e seu respectivo partido acerca do aborto, tema que foi amplamente explorado pela mídia e integrado a agenda de discussões dos membros e setores da sociedade. Dilma teria, anteriormente, se declarado a favor da legalização do aborto, e voltado atrás em sua afirmação durante a campanha presidencial, num episódio que podemos enquadrar nas idéias propostas pela teoria da Espiral do Silêncio. Embora marcada por esta polêmica, a candidata chega a Presidência da República vencendo, no segundo turno com 56,05 % dos votos, sendo a primeira mulher a assumir o cargo.



Opinião Pública: um complexo fenômeno social

Quando tratamos de Comunicação Social e os efeitos que esta causa na sociedade, temos sempre recorrente a idéia da mídia enquanto formadora de opinião. Este conceito é sempre presente nas discussões acerca dos meios de comunicação. Contudo, a *Opinião Pública* amplamente citada, apresenta-se como algo muito mais complexo do que aparenta ser, não possuindo um consenso geral acerca de seu conceito. Não há uma definição única que possa abranger todas as especificidades que cercam este fenômeno social.

[...] a opinião pública se expressa através dos grupos organizados, das manifestações mais ou menos espontâneas, das pesquisas de opinião, das eleições, dos comícios, das discussões em reuniões sociais, dos meios de comunicação, etc. Nesse sentido, a opinião pública não designa apenas uma coisa, mas várias. (FIGUEIREDO; CERVELLINI, 1995, p.177)

O termo Opinião Pública remete ao século XVII, onde os espaços comuns de convivência de Londres se configuram como lugares onde se discutia assuntos de interesse coletivo, trocavam-se idéias com os demais membros da sociedade que integravam a mesma camada social, a burguesia. Assim, neste período, a Opinião Pública refletia as opiniões burguesas. Com a descaracterização destes espaços de convivência como locais exclusivos de reuniões, a imprensa passa a fazer as vezes de porta voz da burguesia, no final do século XVIII. Neste período o termo começa a ganhar contornos mais próximos ao que conhecemos hoje. (DOURADO, 2010)

A partir do século XIX tem-se o conceito de Opinião Pública marcado, sobretudo, por um conteúdo político, em reflexo as tendências históricas do período impulsionadas pelo liberalismo. Assim, o termo está ligado a idéia de democracia, de agente da liberdade de expressão.

Em termos históricos, é possível dizer que a opinião pública surge após a revolução burguesa, na Europa, quando a imprensa deixa de ser controlada rigidamente pelo Estado, e adquire o caráter de uma instituição livre, colocada a serviço dos diversos interesses dentro da sociedade. (MELO, 1998, p.206)

Este moderno conceito, adotado a partir do século XVIII, ressalta a idéia de uma Opinião Pública que tem seu processo de formação e consolidação ligado a mídia. Nesta perspectiva, se configura como esta opinião que é lançada sobre o público, que adota essas informações transmitidas pela mídia como dados para construção e solidificação de suas opiniões. (MARTINO, 2009)



Deste modo, temos a idéia proposta pela Teoria da Cultivação criada pelo pesquisador norte-americano George Gerbner no início dos anos 1970, que defende o princípio de que as pessoas constroem sua percepção da realidade e sua forma de agir diante dela a partir dos “indicadores culturais” que lhes são apresentados pela mídia. “Os indicadores culturais mostram como é o mundo onde se vive, oferecendo aos indivíduos o conhecimento necessário para uma interpretação específica da realidade e, dessa maneira, tendem a estabelecer *uma* imagem possível da realidade”. (MARTINO, 2009, p.194)

O termo *cultivação* derivado do latim *Cultivare*, remete ao ato de preparar a terra dando condições para o nascimento e desenvolvimento de algo (planta). A proposta de um Cultivo Midiático sugere que as informações estruturadas e transmitidas pela mídia influenciam, dão condições ao desenvolvimento de crenças, opiniões e formas de conduta dentro de uma dada sociedade. (VICENTE, 2009)

A Opinião Pública, cultivada pelos meios de comunicação, influencia o pensamento e as atitudes individuais, em correspondência com um dado modelo de comportamento social e coletivo. Essa percepção é o ponto central da Teoria da Espiral do Silêncio, desenvolvida pela pesquisadora alemã Elizabeth Noelle-Neuman nos anos 1970.

A teoria da Espiral do Silêncio defende a idéia de que o pensamento compartilhado pela maioria inibe a expressão de pensamentos contrários, levando esses indivíduos que pensam diferentemente a silenciarem ou serem silenciados, buscando evitar a rejeição e o isolamento social.

Assim, ao perceberem – ou imaginarem – que a maioria das pessoas pensa diferentemente delas, essas pessoas acabam, num primeiro momento, por se calarem e, posteriormente, a adaptarem, ainda que muitas vezes verbalmente, suas opiniões às dos que elas imaginam ser a maioria. Em conseqüência, aquela opinião que, talvez de início, não fosse efetivamente a maioria, acaba por tornar-se a opinião majoritária, na medida em que se expressa num crescente movimento de verbalização, angariando prestígio e alcançando a adesão de indecisos. (HOHLFELDT *apud* DOURADO, 2010, p.6)

Sendo assim “[...] define-se a opinião pública como esta opinião que pode ser expressa em público sem risco de sanções, e sobre a qual pode apoiar-se a ação levada em público”. (NEUMANN *apud ibidem, idem*). Procura-se, entrar em conformidade com o pensamento majoritário, respaldando suas idéias e atitudes de acordo com os padrões aceitáveis, mantendo-se a estrutura social predominante.



Atuação da Espiral do Silêncio: Dilma Rousseff e sua opinião sobre o aborto

Para ilustrar como podemos identificar na prática a atuação das idéias propostas por estas teorias, utilizaremos como exemplo, a polêmica ocorrida no período das eleições do ano de 2010 no Brasil, envolvendo a então candidata a Presidente da República, Dilma Rousseff, e a temática do aborto, amplamente discutida pela sociedade e publicada nos meios de comunicação. Analisaremos o caso a partir da ótica da Revista Veja, edição 2186, de 9 de outubro de 2010, que promoveu uma crítica à candidata a presidência, quando esta mudou sua declaração com relação a sua opinião sobre o aborto, um assunto que ainda se mantém como tabu no Brasil, onde a maioria da população é de religião cristã. A revista Veja, partidária do PSDB e em consequência opositora ao PT, utilizou a mudança das declarações de Dilma como forma de favorecer a sua linha partidária.

Desde sua fundação o PT sempre demonstrou ser a favor da descriminalização do aborto, como podemos perceber no trecho apresentado na matéria de capa da revista Veja edição 2186:

Internamente, o PT discute a descriminalização do aborto desde sua fundação, há trinta anos. Em 2007, a legenda fechou questão em torno da liberação da prática. A posição tornou-se tão consolidada na sigla que, dois anos depois, o PT puniu quem pensava diferente. (COUTINHO; CABRAL; SEGALLA, 2010, p. 65).

Ainda na reportagem publicada pela mesma revista, o partido afirma em Resolução do 3º Congresso do PT, realizado em 2 de setembro de 2007, sua posição favorável ao aborto:

Defesa da autodeterminação das mulheres, da descriminalização do aborto e regulamentação do atendimento a todos os casos no serviço público, evitando assim a gravidez indesejada e a morte de centenas de mulheres, na sua maioria pobres e negras, em decorrência do aborto clandestino. (*ibidem*, p. 62)

Dilma, em correspondência ao pensamento petista, defendia a descriminalização do aborto, como um caso de saúde pública, porém devido a perda de votos na reta final do primeiro turno das eleições, onde constatou-se a mudança de opinião dos eleitores, que teria se dado principalmente em razão do voto religioso, a candidata mudou sua postura.

A pressão da Opinião Pública contrária a atual postura da candidata Dilma, influenciou a mudança de sua conduta, afirmando-se posteriormente contrária a legalização do aborto, dessa forma, moldando seu pensamento de acordo com os padrões aceitáveis de



comportamento social. Segundo afirma o trecho da matéria da revista *Veja*, o presidente do PT José Eduardo Dutra, teria afirmado em 5 de outubro de 2010 que a candidata seria contra o aborto: “A questão de aborto nunca esteve no programa da Dilma, portanto não faz sentido você dizer que vai retirar uma coisa que não existiu. Ela é pessoalmente contra o aborto e não vai propor nenhuma modificação na legislação relativa a isso”. (COUTINHO; CABRAL; SEGALLA, 2010, p. 63)

As declarações em favor do aborto feitas pela então candidata Dilma, provocaram a revolta da população Cristã, que disseminou nos meios de comunicação, principalmente na internet, opiniões desfavoráveis à candidatura da petista. Líderes religiosos se posicionaram contra Dilma, como exemplo, temos a atitude do padre José Augusto, da cidade de Cachoeira Paulista, que em missa transmitida pela TV Canção Nova recomendou que os católicos não votassem na candidata por sua posição contrária a igreja.

Na tentativa de acalmar os cristãos, a campanha da petista divulgou uma Carta Aberta ao Povo de Deus. No documento, Dilma transferia ao Congresso a responsabilidade pelas decisões relativas ao aborto. Em vez de apaziguar, o texto atíçou os religiosos, e o debate pegou fogo de uma vez. A internet foi inundada de condenações de líderes religiosos à petista. O pastor Silas Malafaia, da Assembléia de Deus, divulgou uma carta condenando o posicionamento de Dilma e de seu partido e pregando o voto em José Serra (*ibidem*, p.65-66)

Percebe-se no exemplo citado a aplicação da teoria da Espiral do Silêncio, onde Dilma mudou radicalmente sua conduta para favorecer sua candidatura, visto que o sucesso da sua eleição estaria comprometido se ela mantivesse sua opinião inicial. Os modelos de comportamento aceitáveis socialmente e cultivados pela mídia, provocaram a rejeição do pensamento contrário exposto pela petista, provocando o silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar no caso estudado a influência da mídia, especificamente a revista *Veja*, e sua predisposição a explorar casos polêmicos, com o intuito de cultivar na sociedade uma reação que atenda aos interesses de sua linha editorial. Trazendo ao público a abordagem de um fato mediado de acordo com seus interesses.



Fica evidente a posição da mídia como agente importante na manutenção da Opinião Pública. Contudo, existem outros fatores que interferem nesse processo. Como apresentamos no decorrer do trabalho, o termo Opinião Pública não apresenta um consenso quanto ao seu conceito, se configurando como um complexo fenômeno social, que tem o poder de moldar formas de conduta e decisões dos membros e setores da sociedade.

Porém, deve-se levar em conta que nem sempre esta mudança é de ordem prática, muitas vezes ela se apresenta apenas verbalmente. O indivíduo leva a público a opinião que julga aceitável aos padrões sociais, enquanto mantêm seu pensamento contrário, mas sem expressá-lo coletivamente. Guardando o silêncio, tem-se a manutenção e o fortalecimento da opinião majoritária, que se consolida com o decorrer do tempo.

Percebemos no caso da campanha eleitoral de Dilma a mudança de sua opinião impulsionada pela atuação da mídia, que enfatizou a discussão acerca de sua posição sobre o aborto, influenciando a sociedade e, sobretudo, as instituições religiosas, a discutir, formular e/ou reforçar uma posição sobre o tema. Cria-se então uma forte pressão da Opinião Pública, contrária a posição de Dilma, que reflete numa queda significativa do seu apoio popular, levando-a a uma mudança de conduta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIAVENATO, Júlio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Moderna, 1997.

COUTINHO, Leonardo; CABRAL, Otávio; SEGALLA, Vinícius. Antes depois. **Revista Veja**. São Paulo, SP. ed. 2186. n.41, PP. 62-67, outubro. 2010. Semanal. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

DOURADO, Kamilla dos Santos. **Opinião Pública, uma revisão de conceitos**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0027-1.pdf>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

FIGUEIREDO, Rubens; CERVELLINI, Sílvia. Contribuições para o conceito de opinião pública. **Opinião Pública**, Campinas, v. 3, n. 3, p. 171-185, 1995.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: idéias, conceitos e métodos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MELO, José Marques de. **Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.



VICENTE, Kyldes Batista. **Hipótese do cultivo midiático e a cultura de novos modos de narrar.** Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/caderno_seminal.htm>. Acesso em: 28 de abril de 2011.